Capítulo 102
A América Latina

A América Latina corresponde à porção da América que foi colonizada por Portugal e Espanha. Os países dessa região conservam ainda numerosas características herdadas do período colonial.

Sua economia mantém-se dependente em relação aos centros capitalistas mais desenvolvidos, pois as tentativas de promover o desenvolvimento econômico sempre esbarraram em obstáculos de difícil transposição. Apesar dos progressos realizados a partir da II Guerra Mundial, a América Latina encontra-se ainda atrelada aos fluxos e refluxos da economia internacional, sobretudo do mercado financeiro. Diante disso, podemos destacar os seguintes aspectos como os mais característicos da América Latina:

- o subdesenvolvimento;
- o alto crescimento demográfico;
- imensas parcelas de sua população totalmente marginalizadas do mercado de consumo;
- profundas desigualdades sociais, tanto nos centros urbanos quanto no campo;
- dependência econômica: na verdade, é um dos traços do subdesenvolvimento; torna a economia de qualquer país extremamente vulnerável, pois qualquer crise nos países desenvolvidos ocasiona igual crise nos países subdesenvolvidos.

1. A luta pela industrialização

A crise de 1929 atingiu duramente os países da América Latina, afetando sobretudo o setor de exportações.

No campo da industrialização, porém, a crise de 1929 teve efeitos benéficos para a América Latina. Como a crise causou a falta de dinheiro para importar produtos industrializados, os países latino-americanos passaram a fabricá-los aqui. Surgiram então numerosas fábricas, sobretudo nos setores de máquinas e peças de reposição. As empresas de exportação, por sua vez, haviam ganho bastante dinheiro nos anos anteriores à crise. Esse dinheiro passou então a ser investido em fábricas.

Esse processo econômico recebeu o nome de *substituição de importações.*

A eclosão da II Guerra Mundial veio acelerar ainda mais esse processo: muitos fornecedores tradicionais da América Latina estavam agora com suas indústrias voltadas para as necessidades de guerra, produzindo equipamentos bélicos; com isso, suas necessidades de matérias-primas aumentaram muito. Conseqüentemente, graças à pequena concorrência dos produtos estrangeiros cada vez mais escassos e caros, as exportações latino-americanas cresceram e o mercado interno se expandiu.

Alguns países latino-americanos avançaram com firmeza rumo à industrialização, destacando-se o Chile, o México, a Argentina e o Brasil.

Os três grupos de industrialização na América Latina

Observando-se de maneira global a industrialização da América Latina, constatamos a existência de três grupos principais.

O **primeiro grupo**, constituído pela Argentina, Chile, México e Brasil, produz mais de 2/3 do produto interno da área. São países que tiveram seus processos de industrialização iniciados mais cedo e, com o passar do tempo, atingiram um maior grau de maturidade industrial.

O **segundo grupo** é constituído por países como o Peru e a Venezuela, que, na década de 60, apresentaram aumento significativo de suas exportações de matérias-primas, o que lhes permitiu dinamizar o setor industrial. Os países desse grupo diferem dos países do primeiro grupo pelo caráter tardio de sua industrialização, bem como pelo fato de essa industrialização, ocorrida por substituição de importações, ser realizada predominantemente por empresas estrangeiras. Por isso, a indústria de bens de consumo nesses países é dominada pelas empresas estrangeiras com maior intensidade do que nos países do primeiro grupo.

O **terceiro grupo** é formado por pequenas repúblicas centro-americanas ou andinas. Nos países desse grupo, 50% da produção industrial é constituída pelo ramo têxtil e alimentar. O pequeno mercado interno limita a capacidade de expansão.

Vimos acima que o primeiro esforço de industrialização da América Latina ficou conhecido como substituição de importações, que teve lugar após a crise de 29. Mas essa etapa não durou muito, tendo-se esgotado por volta da

década de 50. Para continuar o processo de industrialização, os países latino-americanos tiveram que iniciar a implantação da indústria pesada, isto é, aço, ferro, máquinas, exploração e refino de petróleo, petroquímica, etc. Embora esses países possuíssem empresas produtoras de bens de consumo, eles dependiam totalmente do exterior em termos de maquinaria pesada. Além disso, para pagar essas importações, eles dependiam da exportação de matérias-primas e alimentos, o que causava constante desequilíbrio na balança de pagamentos.

2. As tentativas de integração da América Latina

No plano mais global das relações entre os países do continente, na década de 50 foi criada a *Alalc* (Associação Latino-Americana de Livre Comércio), com a finalidade de incentivar o intercâmbio comercial na América Latina. Seus resultados foram muito pequenos, em função da natureza semelhante da economia dos diversos países latino-americanos.

Após a vitória da revolução socialista em Cuba, os norte-americanos passaram a dar maior atenção aos problemas da América Latina, temerosos de que o exemplo cubano fosse seguido por outros países do hemisfério. Vultosos empréstimos foram feitos pelo governo norte-americano aos governos dessa região. Além disso, procurou-se dinamizar o papel da *OEA* (Organização dos Estados Americanos), no sentido de transformá-la num instrumento de desenvolvimento econômico capaz de promover reformas urgentes nos países latino-americanos.

Essa idéia foi apresentada, pela primeira vez, pelo presidente brasileiro Juscelino Kubitschek e recebeu a denominação de *Operação Pan-Americana*. Tratava-se de uma alternativa à política norte-americana de neutralidade na região e foi posta em prática por John Kennedy, através da *Aliança para o Progresso*. A Aliança estabeleceu uma cota de ajuda de 2 bilhões de dólares anuais, por um período de dez anos. Tais investimentos seriam acompanhados por investimentos privados num montante quatro vezes superior àquele. Sua finalidade última era assegurar a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos na América Latina. Em 1963, porém, depois da morte de Kennedy, o plano começou a ser desativado, pois sua implantação exigia a duplicação dos recursos norte-americanos destinados à América Latina, e o governo americano optou por uma política de repressão radical aos movimentos revolucionários.

Diante do fracasso da Alalc, em 1980 alguns países latino-americanos fundaram a *Aladi* (Associação Latino-americana de Integração). Integram a Aladi: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Peru, México, Paraguai, Uruguai e Venezuela. A Aladi previa a formação de áreas de comércio com tarifas reduzidas para certos produtos. Previa também a formação, no futuro, de um mercado comum sem barreiras alfandegárias. A Aladi também se mostrou ineficaz.

Em um âmbito mais restrito, em 1969 foi fundado o *Pacto Andino*. Formado por Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela, visava a integração econômica desses países. O Pacto Andino foi outra tentativa de integração regional que não apresentou resultados práticos.

O Mercosul

O Mercosul, Mercado Comum do Sul, parece ser a única tentativa de integração comercial a dar resultados práticos na América Latina. Esse acordo foi firmado em 1991 pelo Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai. Cria uma área de livre comércio entre os países signatários, ou seja, praticamente elimina as fronteiras alfandegárias entre eles. O objetivo do Mercosul é estabelecer uma política única de comércio exterior.

O Mercosul começou a funcionar em 1º de janeiro de 1995. A partir desta data, 7 650 itens comercializados entre esses países passaram a não mais pagar imposto ao transpor a fronteira entre um país e outro.

Eis alguns pontos estabelecidos pelo acordo:

- a TEC (Tarifa Externa Comum) é a referência básica das regras do Mercosul; ela estipula tarifas iguais para os produtos importados de países de fora do Mercosul.
- 900 itens do setor de bens de capital (máquinas e equipamentos) terão sua tarifa reduzida gradualmente até 2001, ocasião em que fica definida a Tarifa Externa Comum relativa a esses produtos;

- 200 itens de informática obedecem ao mesmo critério, devendo a alíquota chegar a zero;
- cada país tem direito a uma lista de exceções à TEC, isto é, pode importar certos produtos pelas tarifas vigentes na época do acordo;
- o setor automobilístico será negociado à parte.

Em 1995 o Mercosul compreendia uma população de 200 milhões de habitantes e somava um Produto Interno Bruto de 840 bilhões de dólares. De 1991 a 1995, o comércio entre os quatro parceiros praticamente triplicou, atingindo cerca de 12 bilhões de dólares. A previsão é que alcance cerca de 80 bilhões de dólares por volta do ano 2005.

Bolívia e Chile devem integrar também o Mercosul, estando seu ingresso previsto para 1996.

3. A evolução política da América Latina

A situação econômica favorável resultante da II Guerra Mundial criou condições para que se fizessem experiências no campo político na América Latina, ampliando-se a participação popular na vida política. Tal participação era praticamente inevitável com o surto industrial e o deslocamento das populações rurais em direção à cidade.

Foi nesse contexto que nasceu e se desenvolveu o *populismo* — movimento político caracterizado pela presença de um líder carismático, como Perón na Argentina e Vargas no Brasil. O programa político do populismo era indefinido e, em linhas gerais, se constituía numa tentativa de aproximar as várias classes sociais, enfatizando os interesses comuns existentes entre elas. Outra característica dos movimentos populistas era o nacionalismo, o sentimento de repúdio aos imperialismos, particularmente aos Estados Unidos.

Vários fatores contribuíram para o surgimento do populismo. Entre eles, podemos citar a incapacidade das camadas dominantes em criar um instrumental político que pudesse promover o desenvolvimento econômico; outro fator foi a inexistência de organismos sindicais eficientes entre os trabalhadores.

Os movimentos populistas fizeram suas primeiras manifestações na América Latina após 1935, começando a se esgotar por volta de 1950. No Brasil, o populismo foi afastado da cena política em 1964. Seus representantes mais famosos foram: Getúlio Vargas, no Brasil; Juan Domingo Perón, na Argentina; Carlos Ibañez del Campo, no Chile; e Gustavo Rojas Pinilla, na Colômbia.

As ditaduras militares

Ao fim do populismo seguiu-se um período dominado por regimes autoritários comandados por militares. Tais regimes resultaram da conjuntura econômica desfavorável que se seguiu a 1950, da desorganização dos movimentos populistas, que não conseguiam definir uma plataforma política eficiente, e das repercussões que a Revolução Cubana teve nos demais países latino-americanos.

De um modo geral, esses regimes autoritários foram apoiados por largas parcelas da classe média, que não pretendiam perder os privilégios adquiridos no período anterior a 1960. Essas camadas, que durante muito tempo foram defensoras da democracia constitucional e liberal, puseram-se ao lado do autoritarismo quando se viram ameaçadas pelo avanço das classes populares, principalmente depois do exemplo dado pela Revolução Cubana. O fato de a classe média ter-se colocado à sombra dos militares sem constituir o seu próprio projeto político deve-se à sua origem e formação, no contexto de uma economia de exportação. A classe média cresceu à sombra da oligarquia, dos latifundiários, dos concessionários das empresas de mineração. Apesar de terem peso político, esses latifundiários, comerciantes e concessionários das empresas de mineração não diferiam muito das oligarquias em termos de projeto político.

Com exceção do México, do Paraguai e de alguns países da América Central, os países da América Latina se caracterizaram por uma grande ebulição política depois de 1945. E foi exatamente nesses países que os regimes autoritários se tornaram mais fortes. Nos países onde aconteceram experiências políticas liberais-democráticas, a troca de governantes foi mais constante.

Nas décadas de 60 e 70, boa parte dos países latino-americanos era dominada por ditaduras militares. Nos anos 80, porém, enfraquecidos pela grave crise econômica que atingiu o continente,

todos os regimes ditatoriais foram derrotados e substituídos por governos democráticos ou de transição para a democracia.

A evolução política nos principais países

Uruguai — O Uruguai tinha acumulado enorme soma de divisas com as exportações de carne, lã e cereais durante a II Guerra Mundial. A sociedade uruguaia gozava de elevado nível de bem-estar. O país era denominado de "a Suíça sul-americana". Mas o alto custo dos encargos sociais, especialmente das aposentadorias, bem como o declínio do preço das matérias-primas deram origem a uma grave crise econômica. Os setores menos favorecidos – camponeses assalariados e operários – eram as principais vítimas da situação.

Foi neste contexto que, em 1963, surgiu o movimento guerrilheiro de esquerda *Tupamaros*, que, sob o comando de Raúl Sendic, passou a atacar o governo em ações armadas nas cidades. A repressão para acabar com a guerrilha foi se intensificando mais e mais. O Uruguai tornou-se uma das ditaduras mais ferozes do mundo. Esta situação só terminou na década de 80, depois que os Tupamaros foram vencidos e os militares abandonaram a vida política. Em 1984 realizaram-se eleições diretas para a Presidência da República, sendo eleito o civil José María Sanguinetti.

Argentina — Também a Argentina gozava de excelente situação econômica desde a década de 30, graças às exportações de carne, lã e cereais. Na década de 40 assumiu o poder o coronel Juan Domingo Perón, que fundou o Partido Justicialista para colocar em prática suas idéias de justiça social. O movimento criado por Perón, denominado *peronismo*, perdura até hoje. O próprio Partido Justicialista mantém-se com muita força. Perón como presidente e sua mulher, Evita Perón, como ministra do Bem-Estar Social procuraram implantar na Argentina um sistema assistencialista que beneficiava as camadas menos favorecidas. Evita era venerada como uma santa. Morreu jovem, de câncer, e virou lenda. O peronismo era um populismo, isto é, um sistema que buscava sua força de sustentação nas massas populares.

Perón foi derrubado do governo em 1955 pelos militares. Mas estes não conseguiram dar estabilidade ao país. A situação era tão tensa que, no início da década de 70, os generais permitiram a convocação de eleições, sendo eleito o candidato peronista Héctor Cámpora. Este providenciou imediatamente o retorno de Perón. Cámpora renunciou à Presidência para permitir a eleição de Perón, que tinha sua mulher Isabel como vice. Mas o novo presidente, já muito idoso, faleceu em seguida, assumindo então a vice-presidente. A situação econômica era grave, com inflação muito alta. E veio novo golpe, desfechado pelos generais em 1976.

Os militares implantaram na Argentina um regime extremamente repressivo. Todo e qualquer elemento que fizesse oposição ao governo era preso e, geralmente, eliminado. Entidades de defesa dos Direitos Humanos afirmam que morreram cerca de 30 000 oposicionistas. O número mais provável situa-se em torno de 10 000. Mas a situação interna era cada vez mais grave, devido à inflação e à oposição da maioria da população ao regime militar.

Em 1982, numa evidente tentativa de desviar a atenção da população das questões internas, o governo deflagrou uma guerra contra a Grã-Bretanha pela recuperação das ilhas Malvinas. Além da derrota, a guerra deixou milhares de mortos e mutilados e os militares desmoralizados. Em 1983 os militares promoveram eleições presidenciais, vencidas por Raul Alfonsín.

Alfonsín recebeu um país falido e com a necessidade moral de punir os culpados pelos crimes cometidos durante o regime militar. Ao assumir o poder, o novo presidente deu início à apuração das responsabilidades por esses crimes. Vários militares foram presos, inclusive o ex-presidente, e submetidos a julgamento. Descontentes com essas providências, os militares tentaram por diversas vezes derrubar Alfonsín. Tais fatos, somados a uma grave crise econômica, fizeram com que o presidente renunciasse antes do término de seu mandato, passando o governo para Carlos Menen, peronista, vencedor das eleições, em junho de 1989.

As medidas econômicas implantadas pelo novo governo fizeram a inflação baixar, crian-

do condições para um novo período de certa estabilidade econômica e social, que perdurava em meados de 1995.

Chile — O Chile foi um dos únicos países do mundo a tentar uma experiência socialista por vias pacíficas. Em 1970, o candidato marxista Salvador Allende foi eleito por uma coligação de partidos de esquerda. As medidas que passou a tomar como presidente, nacionalizando diversas empresas estrangeiras, provocaram a reação das elites econômicas. Com o apoio dos Estados Unidos, os militares derrubaram Allende, que morreu no palácio presidencial De la Moneda. O general Augusto Pinochet, articulador do golpe, assumiu plenos poderes.

O governo de Pinochet caracterizou-se pela extrema violência com que reprimiu os adeptos de Allende e os opositores a seu regime. Ocorreram prisões, torturas e mortes. Nos meses que se seguiram ao golpe teriam morrido cerca de 10 000 pessoas.

No final da década de 80, a ditadura de Pinochet estava fortemente abalada pelo movimento de oposição popular. Num plebiscito realizado em 1988, a maioria dos eleitores disse "não" à permanência de Pinochet no poder. O governo marcou eleições para março de 1990. Os civis voltavam novamente ao governo.

México — No México ocorreu uma revolução de cunho popular antes mesmo da Revolução Russa de 1917. A Revolução Mexicana teve início em 1910 e se estendeu até mais ou menos 1920. Foi um longo processo de golpes, contragolpes e muitas batalhas envolvendo grandes massas de camponeses liderados por figuras de grande carisma, como Pancho Villa e Emiliano Zapata.

A tentativa dos revolucionários de extirpar o velho sistema de propriedade da terra, concentrada nas mãos de poucas famílias, foi frustrada pela reação da burguesia, com apoio do vizinho do norte, os Estados Unidos. Zapata foi traído e assassinado em 1919. Pancho Villa retirou-se para o norte e também acabou assassinado.

As forças conservadoras que dominavam o país antes da revolução não voltaram ao poder. Mas a direção da política mexicana passou às mãos de uma burguesia reformista que tentou institucionalizar a revolução, isto é, torná-la o único movimento político do país. Assim, o partido fundado com essa finalidade se chamou Partido Revolucionário Institucional (PRI), que governa o país até hoje.

Peru — O Peru passou por uma experiência política original. Em 1968, um grupo de militares nacionalistas, liderados pelo general Juan Velasco Alvarado, derrubou o presidente da República e implantou uma ditadura nacional-populista.

O objetivo dos militares peruanos era destruir o arcaico sistema de distribuição e posse da terra no país, dar acesso para um maior número de camponeses aos escassos recursos de água do Peru e enfraquecer o poder das empresas americanas que exploravam riquezas minerais, sobretudo petróleo. Alvarado promoveu ampla reforma agrária, nacionalizou empresas estrangeiras e procurou tornar os trabalhadores acionistas e gestores das empresas.

O projeto de Alvarado não foi muito longe. Em 1975 ele foi deposto por outro general. Os presidentes seguintes não conseguiram conter a inflação e a corrupção. Ao mesmo tempo, surgia no país um movimento guerrilheiro denominado *Sendero Luminoso*, de tendência maoísta (que segue os ensinamentos do líder chinês Mao Tse-tung). Agindo sobretudo no interior do país, o Sendero fez milhares de vítimas entre a população que apoiava o governo e entre os militares que tentavam exterminá-lo.

Foi em meio a essa crise que um candidato praticamente desconhecido venceu as eleições de 1990. Era o engenheiro-agrônomo de ascendência japonesa Alberto Fujimori. O novo presidente deu prioridade ao combate à inflação, à corrupção e ao Sendero. Para isso tomou medidas enérgicas, chegando a fechar o Congresso. Conseguiu baixar a inflação. A liderança da guerrilha foi aprisionada. Ao menos aparentemente, o presidente conseguiu moralizar a vida pública. Conseguiu inclusive alterar a Constituição peruana e reeleger-se para um segundo mandato em 1995.

Paraguai — O território paraguaio era ocupado pelos índios guaranis quando chegaram os

colonizadores espanhóis, em 1535. A região tornou-se, ao longo do século XVI, um dos mais importantes centros da colonização espanhola da América. No século XVII, padres jesuítas passaram a organizar missões para proteger os índios. As missões foram totalmente destruídas e os índios escravizados com a expulsão dos jesuítas, determinada pelo primeiro-ministro de Portugal, Marquês de Pombal, no final do século XVIII.

O Paraguai conseguiu sua independência da Espanha já em 1811. A partir de 1814, o país foi governado até 1840 por um ditador chamado José Gaspar Rodríguez Francia, que manteve o Paraguai totalmente isolado. Os governantes seguintes, da família Lopez, deram grande impulso econômico ao Paraguai. Mas um deles, Francisco Solano Lopez, quis ampliar o território do país e buscar uma saída para o mar. Entrou em conflito com o Brasil, a Argentina e o Uruguai, o que resultou na Guerra do Paraguai. A guerra causou grande destruição, deixando o país em situação de grande atraso.

Em 1932, nova guerra — a Guerra do Chaco —, contra a Bolívia, permitiu ao Paraguai aumentar seu território. Até 1954, o país foi governado por presidentes eleitos diretamente ou por ditadores que assumiram o poder através de golpe de Estado.

Um desses ditadores foi Alfredo Stroessner, que em 1954 era comandante do exército. Stroessner apoiou-se no Partido Colorado. Seu governo caracterizou-se por corrupção, repressão às oposições e tolerância ao contrabando. Em 1973, o Paraguai e o Brasil assinaram um acordo visando a construção da usina hidrelétrica de Itaipu.

No final da década de 80 a oposição ao regime de Stroessner se intensificou muito. Em 1989 sua situação era insustentável. Num golpe de Estado, o comandante do exército, general Andrés Rodríguez, depôs o presidente, que se exilou no Brasil. Rodríguez elegeu-se presidente no mesmo ano, governando até 1993.

Em 1991, o Paraguai assinou o acordo que criou o Mercosul, junto com o Brasil, o Uruguai e a Argentina.

Em maio de 1993, realizaram-se novas eleições, saindo vitorioso o empresário Juan Carlos Wasmosy.

4. Guerrilha, marca da América Latina

Uma das marcas da vida latino-americana tem sido o surgimento de diversas organizações guerrilheiras. O primeiro exemplo foi o do México. A mais espetacular foi a guerrilha comandada por Fidel Castro e Che Guevara em Cuba. Seguiram-se focos na Bolívia, no Peru, na Guatemala, em El Salvador, na Colômbia, na Venezuela e na Nicarágua.

Na **Nicarágua**, uma formação guerrilheira bastante antiga (década de 60), chamada Frente Sandinista de Libertação Nacional, conseguiu amplo apoio popular na década de 70 combatendo e derrubando a ditadura de Anastácio Somoza. Depois de dez anos no governo, os sandinistas não conseguiram dar estabilidade ao país. A situação econômica era grave, com inflação alta e muito desemprego. Foram também duramente combatidos por elementos do antigo governo, apoiados pelos Estados Unidos. Finalmente, em eleições diretas em 1990, perderam o poder para a candidata da oposição Violeta Chamorro.

Na **Bolívia**, na década de 60, tornou-se mundialmente conhecido um foco guerrilheiro comandado por Ernesto Che Guevara, que tinha participado da Revolução Cubana. Guevara imaginava que na Bolívia estavam as condições ideais para repetir a revolução que dera certo em Cuba. Mas os camponeses bolivianos não aderiram ao movimento e Guevara acabou capturado por militares bolivianos assessorados por "rangers" americanos. Depois de alguns dias preso, Guevara foi executado. Tornou-se um dos grandes ídolos da juventude das décadas de 60 e 70.

Na **Colômbia** e na **Venezuela** ainda hoje atuam alguns grupos guerrilheiros. Na Colômbia é bastante ativo o Exército de Libertação Nacional – ELN. Fundado em 1965, inspira sua ideologia na figura e no pensamento do guerrilheiro argentino-cubano Ernesto Che Guevara. O ELN costuma atacar sobretudo empresas norte-americanas, destruindo instalações ou seqüestrando executivos dessas firmas. Outra organização guerrilheira, bem mais antiga, que também atua na Colômbia é a FARC – Forças Armadas Revolucionárias Colombianas. Na década de 60, muitos padres se integraram em movimentos revolucio-

nários na América Latina. Um desses padres foi **Camilo Torres**, que se juntou a um grupo guerrilheiro e morreu em combate.

5. *Dívida externa, outra marca da América Latina*

Uma das características da economia da América Latina é o crônico endividamento para com os bancos internacionais. Geralmente a dívida se origina de grandes empréstimos tomados pelo governo da maioria dos países para promover o desenvolvimento econômico. Como os juros são sempre altos, o montante da dívida vai aumentando em função dos juros que vão se somando continuamente ao principal.

Quase todos os países latino-americanos possuem elevada dívida externa. Mas no final de 1995, a maior dívida externa era a do México; em seguida vinha a do Brasil.

A dívida mexicana totalizava US$ 165 bilhões. Ela cresceu basicamente em função da grave crise financeira ocorrida no país no final de 1994. Naquele momento, começou a sair do México mais dinheiro do que entrava. Tratava-se de dinheiro especulativo, ou seja, de dinheiro investido por instituições financeiras internacionais, que buscam sempre lucros rápidos, em países que pagam os melhores juros. Este era o caso do México. Como de repente o governo mexicano anunciou que estava sem condições de pagar compromissos da dívida externa, os investidores passaram a retirar rapidamente o dinheiro que tinham aplicado no país. E o México teve de buscar novos empréstimos, totalizando cerca de US$ 40 bilhões. Com isso sua dívida subiu astronomicamente.

A dívida do Brasil era a segunda da América Latina no final de 1995. Totalizava US$ 152 bilhões.

Na mesma época, a dívida da Argentina era a terceira: US$ 92,5 bilhões.

SÍNTESE

A América Latina hoje

Além dos traços apontados no início do capítulo, que constituem características estruturais da América Latina, podem ser levantados alguns traços que são específicos do continente latino-americano na década de 90:

- **regimes democráticos**: todos os países contam com governo eleito por votação livre e direta; as ditaduras acabaram.
- **controle da inflação**: em meados de 1995, os países que há poucos anos enfrentavam inflação elevadíssima (Brasil, Argentina, Bolívia e Peru) haviam controlado o processo.
- **abertura da economia**: todos os países estão criando mecanismos que permitem maior liberdade de atuação de empresas estrangeiras no país.
- **privatizações**: a maioria dos países iniciou na década de 90 um processo de privatização das empresas estatais.
- **fluxo de capitais**: alguns países latino-americanos estão recebendo altos volumes de capitais especulativos (aplicados a curto prazo); esses capitais podem ser retirados de repente, causando problemas ao país, como ocorreu com o México no final de 1994.
- **formação de blocos**: o México passou a integrar o Nafta (ao lado dos Estados Unidos e Canadá); Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina criaram o Mercosul.
- **refluxo das esquerdas**: os partidos e movimentos de esquerda estão em claro refluxo.
- **atuação da Igreja católica**: a Igreja católica continua como uma das instituições mais atuantes junto às classes populares.

Questões propostas

1. Indique alguns aspectos característicos da América Latina.

2. O que foi o processo de industrialização chamado de substituição de importações?

3. Caracterize rapidamente os três grupos em que podem ser divididos os países latino-americanos quanto à sua industrialização.

4. Qual foi a primeira tentativa de integração da América Latina? Deu resultados?

5. Qual a iniciativa mais significativa de integração?

6. O que foi o populismo?

7. Que país fez uma experiência socialista por vias pacíficas na América Latina?

Juan Domingo Perón foi uma das figuras centrais da política argentina no século XX. Líder populista, inaugurou um estilo de governar chamado depois de *peronismo*. Governou a Argentina de 1946 a 1955 e por um breve período na década de 70 (de 1972 a 1974, quando morreu).